

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE  
PSICANÁLISE  
DE PORTO ALEGRE



# Brasileira

## A PSICANÁLISE EXTRAMUROS



## Uma questão de cidadania

Com o eixo-temático deste número de nosso jornal – “Psicanálise Extramuros” – procuramos enfatizar nossa idéia sobre a responsabilidade social da psicanálise. Pensamos que a psicanálise, assim como outras ciências, hoje, deve beneficiar a população com suas descobertas e intervenções. Não se trataria de oferecer uma psicanálise diferente para a população de baixa renda, e, sim, de buscar o reconhecimento do trabalho que já vem sendo realizado por muitos de nós nas mais variadas instituições como universidades, hospitais gerais, escolas, comunidades e considerar psicanálise a este trabalho.

Neste sentido, trazemos as idéias da jovem e já bastante atuante Comissão de Projeto Social da nossa sociedade, que se propõe a aproximar a Brasileira de projetos sociais e políticas públicas de saúde mental, através da compreensão dos mecanismos inconscientes que possam estar subjacentes às relações e intervenções terapêuticas em um CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial).

Maria Teresa Silva Lopes, colega da SBPRJ, aceitou nosso convite para escrever sobre sua participação no Projeto Travessia e no Comitê de Extensão da Psicanálise para Comunidade – Outreach – América Latina e afirma que levar a escuta psicanalítica para além dos nossos consultórios “é, no mínimo, um dever enquanto cidadão (...)”.

Laura Ward da Rosa escreve sobre o ensino da psicanálise na universidade e seus desafios na medida em que psicanálise e educação são distintos paradigmas do saber, enfatizando, porém, a importância da psicanálise como elo entre os diferentes saberes na universidade.

Ana Rosa Chait Trachtenberg, colega e fundadora da Brasileira, que integra o *Sponsoring Committee* do Grupo de Estudos Psicanalíticos da África do Sul, o primeiro do continente africano ligado à IPA, compartilha conosco suas impressões sobre este desafiante trabalho de difusão da psicanálise “padrão-IPA” e de colocá-la a serviço desta complexa e sofrida comunidade.

Em meio à elaboração deste número do nosso jornal, fomos colhidos pela triste notícia da morte de um dos maiores líderes da humanidade – Nelson Mandela, a quem prestamos uma singela homenagem retrazendo sua trajetória e importância para a integração das comunidades negra e branca da África do Sul e lembrando algumas de suas frases paradigmáticas, das quais uma, em especial, nos toca de perto por ser lúcida, sábia e, naturalmente, psicanalítica: “Quando eu saí em direção ao portão que me levaria à liberdade, eu sabia que se eu não deixasse minha amargura e meu ódio para trás, eu ainda estaria na prisão.”

Por último, mas não menos importante, publicamos mais uma das delicadas poesias da nossa colega Jeanete Sacchet – “Minha Filha, Mimosã Flor”.

Neste, que é o último número desta gestão, quero agradecer aos colegas que contribuíram com seus textos. Agradeço também aos criativos colegas da comissão Celso Gutfreind, Fátima Fedrizzi e Rodrigo Boettcher e à nossa inspirada jornalista Helena Mello pelos agradáveis e vivos momentos que passamos juntos a elaborar o jornal da Brasileira nestes dois anos.

Quero também participar que muito me honra continuar como editora do nosso jornal para a gestão 2014-2015.

*Um forte e caloroso abraço em todos*  
Ester Malque Litvin - editora

# Jornal da Brasileira

Jornal da Brasileira  
Órgão de Divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.  
Praça Maurício Cardoso, 07 – CEP 90570-010 – Porto Alegre – RS – Brasil  
Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857  
www.sbpdepa.org.br | sbpdepa@sbpdepa.org.br  
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

## DIRETORIA

Presidente: Dra. Helena Ardaiz Surreaux  
Secretário: Dr. Newton Maltchick Aronis  
Tesoureiro: Dr. Lores Pedro Meller  
Diretora da Comissão Científica:  
Dra. Astrid Elizabeth Müller Ribeiro  
Diretora da Comissão de Comunicação:  
Dra. Ester Malque Litvin  
Diretora da Comissão de Relações com a Comunidade:  
Dra. Patrícia R. Menelli Goldfeld  
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP): Dra. Ane Marlise Port Rodrigues

## INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Dr. José Luiz Freda Petrucci  
Secretário: Dr. Flávio Roithmann  
Coordenador da Subcomissão de Formação:  
Dr. Gildo Katz  
Coordenador da Subcomissão de Seminários: Dr. José Ricardo Pinto de Abreu  
Coordenador da Subcomissão da Infância e Adolescência:  
Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni  
Associação de Membros do Instituto:  
Dra. Magda R. Barbieri Walz

## NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência (NIA):  
Dra. Eluza Maria Nardino Enck  
Núcleo de Vínculos:  
Dra. Denise Zimpek T. Pereira  
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis:  
Dr. Márcio José Dal-Bó  
Grupo de Estudos Espaço Potencial:  
Dra. Caroline Milman e Dr. Paulo Picarelli Ferreira  
Grupo de Estudos Pró-Criar  
Grupo de Estudos Metapsicologia Freudiana:  
enigmas e vicissitudes  
Comissão de Memórias e Arquivos:  
Jeanete Suzana N. Sacchet  
Comissão de Interiorização e Universidade:  
Sandra Bertoldi  
Comissão de Mídias: Léia Maria Klöchner  
Comissão de Projeto Social  
Comissão de Educação à Distância  
Comissão de Pesquisa

Membro Honorário: Dr. David Zimmermann

## JORNAL DA BRASILEIRA

Editora: Dra. Ester Malque Litvin  
Conselho Editorial: Dr. Celso Gutfreind,  
Dra. Fátima Maria Tonolli Fedrizzi, Dr. Rodrigo Boettcher,  
Jornalista Responsável/Editoração: Helena Mello  
Revisão de português: Antônio Paim Falcetta  
Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica  
Secretária: Micaela Wunsch  
Execução Gráfica: Calábria - Tiragem: 500 exemplares

## Palavras da presidente

Estas palavras estão sendo paridas ainda ao ritmo das músicas, danças e da alegria que reverberam da festa de confraternização da Brasileira na noite de ontem, sexta-feira, 13 de dezembro. Noite de bruxas, de feitiços, de magia...

Um encontro desses que valem a pena. Havia um carinho reinante e um desejo que eu interpretaria como de comunhão, de compartilhamento de toda aquela vivência de desfrute estético através das coreografias, da música, da comida, dos olhares, das risadas. É claro que a noite não seria tão inspirada se não fosse celada com humor... O terraço, iluminado pelas velas e envolto na brisa da noite, foi o cenário para o nosso grande contador de histórias e de piadas, César Antunes, orquestrar o seu vastíssimo cardápio de humor e arrancar ruidosas gargalhadas de todos os presentes.

Acho que é também para viver momentos assim que nos juntamos e nos constituímos em uma Sociedade. São situações que nos permitem sentir-nos parte de algo maior do que nós mesmos e que cada um de nós faz sentido naquele todo. Pessoalmente, posso dizer que nunca me senti tão pertencente a um grupo e isso me faz muito bem. Como lembrou Mariano Horenstein, algo assim como uma “comunidade inconfessável” (Blanchot) é o que vamos construindo.

Aos poucos, nos apropriando da nossa nova casa, sentindo seus cheiros, suas temperaturas, desfrutando da sua paisagem, intuindo sua história silenciosa e descobrindo as possibilidades de aproveitamento das suas instalações. Creio que não sou a única a pensar que foi um acerto realizar a festa de fim de ano em casa, com o acolhimento especial que essa condição permite e ainda podendo escolher os serviços de buffet e música com os quais nos identificamos.

Esta é a última “coluna da presidente” desta gestão. No entanto, ainda não vem com sabor a despedida, pois grande parte da Diretoria, inclusive esta que lhes fala, seguirá por um biênio mais. Este grupo foi então reeleito, com algumas mudanças na sua constituição.

Já com saudades, quero agradecer aos dois colegas que não seguirão conosco. Astrid Ribeiro, que com seu dinamismo e competência nos permitiu realizar, além de atividades variadas, seis jornadas científicas de maior porte em toda a gestão! Meu agradecimento profundo. Newton Aronis, com sua experiência, sensatez e refinado senso de humor, fará muita falta. Obrigada pela maravilhosa companhia.

Com muita alegria, quero saudar as duas novas colegas que vêm integrar a equipe: Sílvia Skowronsky e Denise Zimpek e agradecer que tenham aceitado o convite. Assim, a nova Diretoria da Sociedade, empossada no passado dia 13 de dezembro, fica assim constituída: além de mim, na presidência, Lores P. Meller como secretário, Ane Marlise Port Rodrigues na Diretoria Financeira, Sílvia B. Skowronsky na Diretoria Científica, Patrícia R. Goldfeld na Diretoria de Relações com a Comunidade, Denise Zimpek Pereira, como Diretora do CAP e Ester Malque Litvin seguirá na Diretoria de Comunicação, auxiliada por Mara Barbosa como editora da Revista.

Acompanhada deste seletíssimo grupo, mas ainda contando com o apoio e entusiasmo de toda a Sociedade, espero realizar uma nova gestão sintônica com o pulsar da Brasileira. Quero marcar também a mudança da gestão do Instituto da SBPdePA, na qual Fernando Kunzler e Leonardo Francischelli assumirão os cargos de Diretor e Secretário do Instituto, respectivamente. Boas vindas e votos de sucesso para os colegas e de um trabalho em uníssono com a Diretoria. Meu agradecimento aos anteriores integrantes do Instituto, José Luiz Petrucci, Flávio Roithmann, José Ricardo Abreu,

Gildo Katz e Mayra Lorenzoni. Nossa continuidade como Diretoria tem, para mim um significado especial, que é a consolidação dos projetos iniciados na gestão anterior, para os quais dois anos é, certamente, pouco tempo. Estes foram produto de um mapeamento das necessidades da nossa Instituição.

Uma das questões detectadas como um grande desafio para uma Diretoria foi e é o nosso crescimento como Sociedade e, portanto, a necessidade de encontrar formas criativas de mantê-la viva e pujante. Nesse sentido, além do trabalho sensível na busca de manter um clima institucional saudável, soma-se a importância de criar mais espaços de participação para os membros incrementarem seu pertencimento e responsabilidade pela Sociedade. Em vista disso e de nossa crença na importância de levar a psicanálise, como fundamental ferramenta, ao plano social, percebemos a necessidade de investir também em um trabalho externo. Nosso sempre renovado compromisso com o desenvolvimento da Psicanálise convida a buscar as estratégias de inserção da SBPdePA, tanto na política externa, através das relações com a Febrapsi, Fepal e IPA, como na comunidade em geral.

Parece claro que ambos objetivos estabelecem uma relação dialética: mais participação leva ao crescimento e à exteriorização e estes, por sua vez, exigem mais membros no trabalho ativo da administração da SBPdePA. Contemplar tais metas nos levou à criação de novas Comissões (com a participação ativa de alto contingente de membros) ligadas às suas respectivas Diretorias: Comissão do Projeto Social (Diretoria de Relações com a Comunidade), Comissão de Educação à Distância (Diretoria Científica), Comissão de Pesquisa (Diretoria de Relações com a Comunidade), Comissão de Universidades e Interiorização (Diretoria de Relações com a Comunidade), Comissão de Mídias (Diretoria de Comunicação), Comissão de Memória e Arquivos (Diretoria de Comunicação). Dessa forma, este novo mandato traz como objetivo fundamental a consolidação do trabalho dessas comissões, além, certamente, de concluir as obras de implantação da nova sede.

Como podem perceber, os programas de exteriorização que estamos propondo estão absolutamente sintônicos com o tema deste jornal: o extramuros. A intervenção da psicanálise nos processos sociais é tão importante quanto difícil de ser efetivada. Ademais da resistência que a nossa disciplina suscita desde tempos imemoriais, estão as dificuldades concretas de manter vigente um projeto social, além de surtos de entusiasmo iniciais, pela carência de suporte também aos profissionais que se dedicam a essa prática. Em vista disso, o projeto no qual estamos trabalhando, que propõe uma intervenção através da supervisão aos técnicos de programas da Prefeitura como CAPS e PIM, vem estudando as possibilidades e buscando encaminhar as dificuldades, tal como poderão ler no texto que o grupo produziu, mais adiante, nestas páginas.

Para terminar, o meu agradecimento ao apoio recebido por todos os colegas, bem como as críticas, sempre bem vindas. Aproveito para desejar muito felizes festas a todos, junto as suas famílias e um novo ano com muitos projetos e energia para realizá-los e também para seguir sonhando... Registro ainda o desejo de contar com o maior número possível de colegas participando das atividades científicas e administrativas, construindo o presente e o futuro da nossa Brasileira.

Helena Surreaux – Presidente da SBPdePA



## Um Novo Espírito Científico?

“Todo conhecimento é polêmico. Antes de constituir-se, deve destruir as construções passadas, e abrir lugar a novas construções. É este movimento dialético que constitui a tarefa da nova epistemologia.” (Bachelard)

Quando recebemos a responsabilidade de coordenarmos a Diretoria Científica de nossa Sociedade, sabíamos que este seria um grande desafio, mesmo já tendo participado de duas outras comissões científicas anteriores.

Mas é diferente quando se está à frente, como diretora. A pergunta nos vem de imediato: o que significa esta diretoria dentro de uma Sociedade Psicanalítica? Nosso estatuto refere que compete ao Coordenador Científico: estimular, organizar e coordenar toda atividade científica da Sociedade. Pergunto para que? Seria para promover e desenvolver o espírito científico da psicanálise?

Estimular é a palavra que mais nos toca e faz sentido ao assumirmos esta função. Penso em como se poderia conseguir estimular, criar algo que já sabemos tão saturado, conhecido, em todas as nossas instituições psicanalíticas, e não cairmos em redundâncias?

Estimular seria inovar? Como? Para Bachelard, “o oposto do espírito científico é o dogmático, que bloqueia a crítica por se julgar auto suficiente e clarividente na sua compreensão do mundo”. Então perguntamos, consultamos o que desejavam nossos colegas? Surpresa! Poucos se manifestaram

para dizer suas ideias e necessidades na pesquisa que realizamos. Mas seguimos algumas das que nos foram sugeridas.

De imediato teríamos que compor uma comissão científica que tivesse o desejo e a motivação de criar juntos e inovar. Acreditamos que só esta motivação é que fomenta o espírito de equipe que conseguimos alcançar. Assim, Kellen, Maria Isabel, Katya, Rodrigo, Cláudia, Cristiane e eu nos unimos, com nossas diferenças, mas com este fator essencial em comum. E deu certo!

Sonhamos várias ideias, algumas fertilizaram, outras ficaram no plano de projetos. Tínhamos uma grande jornada pela frente com convidado estrangeiro - Dr. Borgogno, acertada pela diretoria anterior. Rapidamente tínhamos que nos organizar, bem como criar e tocar a tradicional atividade “Brasileira na Cultura”, já nos primeiros meses da gestão. Ainda estávamos nos conhecendo como equipe. Acertamos e conseguimos um bom resultado. Criamos o “Pensando Juntos” onde todos os grupos internos da Brasileira apresentavam suas visões sobre um tema escolhido. Atividade que muito agradou a todos. Realizamos muitas outras atividades, algumas aos sábados e outras durante a semana, buscando atender as demandas dos colegas.

Acreditávamos que no ano seguinte não teríamos uma grande jornada e nos dedicávamos mais às atividades internas. Mas foi inevitável não aceitarmos os con-

vites da Fepal para duas pequenas-grandes jornadas: a primeira, de Vincularidade, organizada com o Núcleo da Brasileira de Vincularidade e Transmissão Transgeracional, e a outra, com o Núcleo da Infância e Adolescência. Esta última já aconteceu em nossa nova sede, o que muito nos entusiasmou e orgulhou. Todas foram jornadas muito gratificantes pelo nível excelente alcançado de discussões. Ao mesmo tempo, surgiram as demandas de outros grupos internos, como o Grupo “Pró-criar”, com uma jornada inovadora, que igualmente satisfiz pelo alto nível científico alcançado, junto a outras ciências, promovendo uma interlocução interessante.

Outro importante evento científico foi idealizado pela nossa presidente Helena Surreaux, que o criou e organizou conosco e com a Diretoria de Comunicação o “I Encontro Latinoamericano de Escrita e Psicanálise”, que além de inovar, encantou pela sua criatividade e profundidade. Em todos estes eventos recebemos muitos convidados estrangeiros, e uma ótima frequência de público.

Procuramos desenvolver atividades científicas consonantes com o tema da Jornada da Febrapsi, realizando atividades preparatórias, e conseguimos estimular um grande número de participantes como convidados de mesas no último Congresso Brasileiro, em Campo Grande.

As “Quartas Científicas” inauguraram neste ano um importante

espaço para todos, aberta para aqueles que desejassem apresentar suas ideias e convidar colegas para discutirem entre si.

Acreditamos na importância do seguimento desta atividade, que veio para ficar.

Fechamos o ano com a apresentação da peça teatral, premiada no Rio e São Paulo, "A Última Sessão de Freud", que finalizou com um debate das colegas Ana Paula Terra Machado e Helena Surreaux com o elenco da peça.

Enfim, terminamos nossa gestão com a satisfação de termos contribuído para o desenvolvimento científico de nossa Sociedade. Certos da importância da continuidade destas ideias, desejamos à nova diretoria todo sucesso e apoio para este estimulante trabalho.

Agradeço muito especialmente aos colegas da minha equipe. Sem eles teria sido impossível realizar tantas atividades. Meu agradecimento também à Diretoria que nos apoiou em todas as nossas iniciativas. Também agradecemos a todos os colegas da Brasileira que aceitaram os nossos convites e nos apoiaram com sua presença constante.

Astrid Muller Ribeiro  
Diretora da Comissão Científica  
SBPdePA

## Além dos muros existe a poesia...

No Mito da Caverna, Platão nos conta a estória de prisioneiros alienados desde a infância. A única imagem que conheciam eram a de suas próprias sombras e a dos que lá passavam refletidas pela fogueira existente entre eles e uma parede. Acreditavam assim, que esta era a realidade. Um dos prisioneiros foi libertado e pode fazer contato com o mundo fora da caverna: o ser humano diante do conhecimento e da verdade.

Nossa ética como psicanalistas é esta busca da verdade e do conhecimento de si. Temos este compromisso ético-estético com nossos pacientes e com a sociedade. Hoje, neste mundo audiovisual, somos estimulados ainda mais a vivermos aprisionados. Afinal, as imagens todas tentam vender algo ao invés de nos falar algo. Vender a ilusão da perfeição.

Chegando ao final de mais um ano, gostaríamos de homenagear os colegas que estão concluindo os seminários. Desejamos que busquem a poesia como companhia!

Gostaríamos também de agradecer à diretoria de nossa Sociedade que trabalhou criativamente, promovendo encontros poéticos e científicos para que todos pudéssemos ir ao encontro do conhecimento e da subjetividade. Foi um trabalho dedicado oferecendo-nos possibilidades para que a poesia pudesse ser uma realidade.

"Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lê.

Quando fecha o livro, eles alçam vôo  
como de um alçapão.

Eles não têm pouso  
nem porto;

alimentam-se um instante em cada  
par de mãos e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto de saberes

que o alimento deles já estava em ti..." Mário Quintana

Magda Barbieri Walz  
Presidente da AMI

## Grupo de Estudos Espaço Potencial

### Presença de autor em Porto Alegre promove debates

O grupo de estudos Espaço Potencial segue seus encontros semanalmente. Nesse semestre, começamos a estudar outro autor, Ricardo Rodulfo, que nos tem proporcionado interessantes debates. Aproveitamos sua vinda à Porto Alegre para uma supervisão coletiva. Nessa ocasião, tivemos a oportunidade de uma aproximação também com o seu pensamento clínico. Dessa forma, vamos estudando pensadores psicanalistas contemporâneos e fazendo pontes com o pensamento de D. W. Winnicott, que temos como marco referencial de nosso grupo de estudos.

Dra. Caroline Milman e Dr. Paulo Picarelli Ferreira

## A psicanálise frente à reprodução assistida: novos desafios?

Este foi o título do encontro científico organizado pelo Grupo Pró-Criar, nos dias 13 e 14 de setembro em nossa Sociedade.

Desde o momento em que surgiu a ideia de realizarmos essa atividade em nossas reuniões de estudo até o encaminhamento à Comissão Científica que acolheu a iniciativa, bem como a Diretoria, sentimos que representava um desafio fazer acontecer esse encontro.

A leitura do livro da psicanalista Patrícia Alkolombre – “Desejo de Filho, Paixão de Filho”, nos motivou a convidá-la a pensar conosco as vicissitudes da maternidade, da paternidade e da filiação no contexto das novas tecnologias reprodutivas.

Também participaram do encontro Andrea Nácul (Médica do Laboratório de Reprodução Humana do Hospital Fêmeina), João Sabino Cunha Filho (Médico e Professor da UFRGS), Nilo Frantz (Médico e Diretor do Nilo Frantz Centro de Reprodução Humana) e Maria Berenice Dias (Advogada).

Compondo as mesas redondas, contamos com muitos psicanalistas da nossa Instituição, que contribuíram generosamente, apresentando estudos teóricos e situações clínicas, propiciando o diálogo entre a Psicanálise, a Medicina e o Direito.

As interrogações continuam e são desafiadoras tanto para a psicanálise como para as demais áreas do conhecimento, todas inseridas em um contexto de mudanças, entre a pós-modernidade e as novas organizações humanas por vir. Apesar das divergências teóricas, nos encontramos no empenho por uma clínica mais eficaz!

Com o sucesso da atividade, seguimos ainda mais motivadas para estudar o tema. Novos desafios virão.

Grupo Pró-Criar:  
Katya de Azevedo Araújo  
Mara Horta Barbosa  
Maria Isabel Pacheco  
Patricia Mazon  
Renata Viola Vives

## Resultados visíveis de crescimento

Nesse último semestre de nossa gestão à frente do Instituto de Psicanálise temos muitas razões para nos sentirmos bastante gratificados com nosso trabalho ao longo desses quase dois anos. Implantamos uma sistemática de, semestralmente, organizarmos o Programa Curricular que, embora deixando insatisfeitos alguns poucos, tem sido bem recebido pela maioria, principalmente pelos maiores beneficiários, os nossos Membros do Instituto.

De qualquer forma, será sempre uma tarefa difícil a de uma Diretoria de Instituto de Psicanálise, porque não raro temos que lidar com normas e regras, coisas que muitas vezes se opõem a uma necessária postura de flexibilidade e compreensão do psicanalista. Mas creio que cumprimos razoavelmente bem essa tarefa.

Durante nossa gestão, a Sociedade cresceu pela ação de todos os que trabalharam em busca desse crescimento. A colega Patrícia Viviani da Silva iniciou o curso de formação no presente semestre, e para o próximo semestre, que se inicia em março de 2014, iniciarão a formação psicanalítica na Brasileira cinco colegas: Antônia Leonardo, Iran Garayp, Janine Severo, Luciane Boff e Nora Helena Steffen.

E crescemos também num outro plano, já que temos três novos membros qualificados com a função didática, os colegas Lísia Coelho Leite, Vera Maria Homrich Pereira de Mello e Marco Aurélio Albuquerque. A Diretoria do Instituto parabeneza os colegas. Também temos inscritos para fazer as entrevistas de seleção.

Agradecemos mais uma vez o espaço a nós concedido pelos Editores de nosso jornal.

José Luiz Petrucci  
Diretor do Instituto de Psicanálise

## Chegadas e partidas

Fechando a gestão 2012/2013, anuncio com imensa satisfação que a nova coordenadora do CAP para 2014/2015 é a colega Denise Zympek Pereira. Com certeza, o CAP seguirá desenvolvendo o seu potencial clínico/ teórico e de pesquisa (iniciada na coordenação de Caroline Milman) sob os cuidados da Denise e de colegas tão entusiasmados.

O grupo do CAP, além da seriedade e dedicação aos pacientes atendidos, também promoveu reuniões clínicas e elaborou a revisão da teoria psicanalítica referente às primeiras entrevistas e às vicissitudes da transferência e contratransferência atravessadas pelo colorido institucional. Como resultado do estudo, o CAP levou ao Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Campo Grande-MS, no mês de setembro/2013, o tema-livre “Primeiras entrevistas: reflexão em torno da adesão ao tratamento em pacientes recebidos através do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPdePA”. Também participou da mesa-redonda “O trabalho clínico no quadro institucional”, levando a experiência da Brasileira com o CAP.

Finalizando, agradeço a todos os colegas que fizeram parte do grupo nesse período, trazendo importante contribuição na reflexão em torno do atendimento via CAP e de sua função social.

Ane Marlise Port Rodrigues  
Diretora do CAP

## Aprofundando estudos sobre Teoria Vincular

O Núcleo de Vínculos e Transmissões Geracionais da Brasileira encerra o ano de 2013 com bons motivos para comemorar, um deles foi o V Encontro Latinoamericano de Vínculos, Casal e Família da FEPAL, sediado pela Brasileira e coordenado pelo Núcleo, onde estiveram presentes nomes de peso da Psicanálise latinoamericana como Sonya Klaimann, Nelson Gottlieb, Víctor Guerra, Maria Helena Junqueira, Lia Cypel e a nossa estimada Janine Puget.

Entendemos que o prestígio da comunidade psi aos eventos sobre o tema deve-se ao maior intercâmbio de conhecimento da Teoria Vincular, uma teoria que pouco a pouco vai acrescentando conceitos que enriquecem e se integram à nossa prática clínica, seja vincular ou individual.

Para aqueles que se interessarem em conhecer mais da teoria vincular, o Núcleo publicou um trabalho sobre a obra de Isidoro Berenstein no último número da Revista Psicanálise da SBPdePA.

Atualmente, compõem o Núcleo de Vínculos as colegas: Ana Rosa Trachtenberg, Ângela Piva, Cynara Koppitke, Denise Haeberle, Gilda Soares, Jussara Korbes, Rosa Avrichir, Vera Mello e Denise Zimpek Pereira (coordenadora).

Denise Zimpek Pereira  
Coordenadora do Núcleo de Vínculos

## Núcleo da Infância e da Adolescência - NIA

### Evento promove troca entre psicanalistas da América latina

O NIA da Brasileira, no segundo semestre de 2013, esteve envolvido com mais um importante evento de dimensões internacionais em conjunto com a Comissão Científica da Sociedade – o XXI Encontro Interregional de Crianças e Adolescentes da Federação Latinoamericana de Psicanálise (FEPAL): “Brincar, Criar e Viver na Atualidade: Impactos da Cultura Sobre a Criança e o Adolescente - Uma Interlocução entre Psicanálise e Educação”.

Realizado em Porto Alegre, em nossa nova sede, o evento reuniu um grande público, o qual teve a oportunidade de debater e trocar experiências com colegas de diversos países da América Latina. O saldo foi muito enriquecedor e gratificante para todos, sendo que os retornos que tivemos, das mais diversas instâncias, assim o confirmaram. Os convidados, segundo seus relatos, deixaram Porto Alegre com um sentimento de que importantes sementes foram deixadas, plantadas e de que muitos outros frutos serão colhidos.

A equipe do NIA agradece a todos os que apoiaram as atividades realizadas neste ano de 2013.

Eluza Maria Nardino Enk  
Diretora do NIA



## A psicanálise na África do Sul

Com uma trajetória de 30 anos dedicados à psicanálise, Ana Rosa Chait Trachtenberg, psicanalista didata e fundadora da SBPdePA com formação na APdeBA, ocupa, atualmente, o cargo de Integrante do Sponsoring Committee do Grupo de Estudos Psicanalíticos da África do Sul, o primeiro GE ligado à IPA (International Psychoanalytical Association) do continente africano. Nesta entrevista, Ana Rosa apresenta suas percepções e impressões do projeto, assim como suas ideias sobre o desenvolvimento e a expansão da psicanálise.

### **SBPdePA: Como e quando surgiu a ideia de uma sociedade psicanalítica reconhecida pela IPA na África do Sul?**

Em primeiro lugar, quero agradecer aos colegas do jornal da Brasileira pela oportunidade de compartilhar essa experiência tão desafiadora, que é a de fazer parte do Sponsoring Committee do Grupo de Estudos Psicanalíticos da África do Sul. É um verdadeiro privilégio poder contribuir com os colegas sul-africanos nesse enorme desafio. Penso que também é uma honra para a SBPdePA ter um de seus membros colaborando para a ampliação da IPA e do padrão IPA no continente africano.

Há aproximadamente 10 anos, psicanalistas formados pela British Society decidiram retornar à África do Sul, seu país de origem. Algum tempo depois, optaram pelo caminho da criação de uma sociedade psicanalítica ligada à IPA. Foi organizada, então, uma primeira visita, por meio de um Site Visit Committee, e no mesmo ano (2009) a South African Psychoanalytical Association (SAPA) foi reconhecida como Grupo de Estudos, sendo o primeiro daquele continente. Esse é o caminho para a construção de uma sociedade componente da IPA. Foram fundadores Mark Solms, Karen Kaplan-Solms e Gyuri Fodor (Viena Society), além de Susan Levy (Direct Member - IPA).

Essa trajetória requer acompanhamento e assessoria, e para essa finalidade a IPA designa um Sponsoring Committee (SC), que faz visitas regulares ao local (duas vezes por ano), sendo esse seu procedimento padrão. Atualmente existem aproximadamente 15 grupos de estudos na América Latina, acompanhados por diferentes SC. No caso da África do Sul, o SC está constituído de três psicanalistas: Samuel Zysman, de Buenos Aires (coordenador), Kimberly Leary, de Boston, e por mim.

### **SBPdePA: A nova sociedade já tem candidatos?**

O Grupo de Estudos da África do Sul atua em duas diferentes cidades daquele país: Joanesburgo e Cidade do Cabo. Em cada uma delas já há uma primeira turma em formação, com 10 candidatos que cursam seminários teóricos regulares.

### **SBPdePA: Como a tua experiência na fundação da Brasileira está colaborando para a implantação dessa nova sociedade na África do Sul?**

Tendo participado da fundação de uma sociedade psicanalítica – a SBPdePA (e lá se vão 20 anos), me identifico com o enorme esforço que é, em vários aspectos, levar adiante o projeto de criação de uma instituição

que siga os padrões da IPA, além do empenho por difundir, ensinar e colocar a psicanálise a serviço da comunidade, que não a conhece, mas que pode se beneficiar enormemente desse conhecimento.

### **SBPdePA: Quais as facilidades e dificuldades de um Projeto como este?**

A África do Sul é um país com muitos contrastes, tem 11 idiomas oficiais e viveu sob o regime do apartheid até 20 anos atrás. É reconhecido como Nação “arco-íris” pós-apartheid, símbolo que está em sua nova e vibrante bandeira e que simboliza a igualdade de direitos civis de todas as cores e raças. Sendo essa a lei, há uma luta ainda muito presente para que exista uma verdadeira transformação na cultura do país. Não se observa uma miscigenação de raças, sendo a maioria da população negra (aproximadamente 80%) predominantemente pobre. A figura de Nelson Mandela ainda é muito forte e significativa dentro e fora do país, com toda a sua luta e seus ideais de igualdade entre negros, “colorados” e brancos.

Uma curiosidade, no que diz respeito aos idiomas: o inglês é uma das línguas oficiais, mas nas discussões de material clínico se impõe a questão de qual idioma será utilizado na comunicação da dupla terapêutica. Vários candidatos são capazes de





utilizar o “xhosa” ou o “bhantu” na interação com seus pacientes, o que confere uma peculiaridade e especificidade que não podem ficar fora do contexto. Em alguns trabalhos comunitários, por exemplo, surge a necessidade de incluir um “tradutor” entre o terapeuta e o(s) paciente(s), pois com frequência os integrantes das comunidades usam exclusivamente o idioma de sua tribo de origem.

**SBpdePA:** Quais as tuas impressões sobre a vitalidade da psicanálise no mundo atual e, como formadora de novos membros, quais as tuas expectativas para o futuro?

Na África do Sul, bem como no Brasil, podemos encontrar um grande reforço para aquilo que pessoalmente entendo como uma mudança na nossa concepção da identidade do psicanalista. Este deve se qualificar intensamente para entender os processos intrapsíquicos e intersubjetivos e, assim, usar o poder transformador de seu trabalho para diminuir o sofrimento humano. Mas, além disso, pode e deve cruzar os muros

de seu consultório para utilizar seu conhecimento e seus instrumentos a favor da saúde mental da população em sua forma coletiva. Os colegas da África do Sul desenvolvem trabalhos comunitários de muito valor e criatividade, levando a psicanálise às populações carentes, muito numerosas naquele país. Entendo que a psicanálise, que tem em sua essência a busca constante de renovação e de transformação, deva passar por essa fundamental mudança de paradigma neste turbulento século XXI, para a sua própria vitalidade.

#### NOTA DOS EDITORES:

Enquanto finalizávamos a edição dessa matéria, recebemos a notícia da morte de Nelson Mandela. Registramos, assim, a passagem dessa personalidade política tão importante mundialmente.

## A África sem Mandela

Nelson Rolihlahla Mandela (Mvezo, 18 de julho de 1918 – Joanesburgo, 5 de dezembro de 2013), advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1993, e Pai da Pátria da moderna nação sul-africana.

Até 2009 havia dedicado 67 anos de sua vida a serviço da humanidade - como advogado dos direitos humanos e prisioneiro de consciência, até tornar-se o primeiro presidente da África do Sul livre, razão pela qual em sua homenagem a ONU instituiu o Dia Internacional Nelson Mandela no dia de seu nascimento, como forma de valorizar em todo o mundo a luta pela liberdade, pela justiça e pela democracia.

Foi o mais poderoso símbolo da luta contra o regime segregacionista do Apartheid, sistema racista oficializado em 1948, e modelo mundial de resistência.

*“Ressentimento é como beber veneno e, em seguida, esperar que ele mate seus inimigos”*

*“Se você conversar com um homem em uma língua que ele compreenda, a mensagem vai para a cabeça. Se você falar com ele em sua linguagem, vai para o coração”*

*“A primeira coisa é ser honesto consigo mesmo. Você nunca pode ter um impacto na sociedade se você não mudou a si mesmo (...)”*

*“Ninguém nasceu odiando outra pessoa por causa da cor da sua pele, seu passado ou sua religião. Pessoas aprendem a odiar, e se aprendem a odiar, elas podem ser ensinadas a amar porque o amor brota muito mais fácil no ser humano do que o oposto.”*

# O ensino da psicanálise na universidade: desafios do encontro de dois paradigmas

\* Laura Ward da Rosa

Num breve ensaio de 1919, intitulado “Deve ensinar-se psicanálise na universidade?”, Freud já se preocupava com esse encontro, revelando-se a favor do ensino da psicanálise aos estudantes de medicina. Considerava uma falha o estudo restrito ao corpo, por meio de somente aulas de anatomia, física e química, enquanto os futuros médicos permaneceriam ignorantes dos fatores psíquicos envolvidos no processo do adoecer. Destacava a importância de um curso de psicanálise, com o qual a universidade só teria a ganhar, sugerindo até ampliá-lo com a inclusão de outros temas, como a mitologia, a literatura, a história das civilizações, a arte e a filosofia.

O mundo contemporâneo imprime sua marca em exigências cada vez maiores de sucesso e na busca de uma profissão que resulte em melhor condição econômica e bem-estar, estimulando a competição com a máxima “não basta ser bom, é preciso ser o melhor”. O excesso nos enfrenta com os quadros de angústia, de agitação dos alunos “hiperativos” que tumultuam as salas de aula, que não conseguem aprender simplesmente porque não conseguem sequer acalmar-se para poder estudar. Os entraves e conflitos na aprendizagem trouxeram uma grande demanda de entendimento dos fatores emocionais e psicossociais que interferem e dificultam o processo de transmissão do conhecimento e levam ao fracasso escolar muitas crianças e adolescentes. Oriundos de famílias marcadas pela tensão e pela violência, com pais que não conseguem colocar limites e expostos ao excesso das

mídias eletrônicas que os fixam nas imagens, os jovens enfrentam o enorme desafio de abstrair o tumulto da vida atual para fixar-se no estudo, trazendo para a escola os problemas vividos num ambiente familiar conturbado. O aumento do consumo de drogas, os distúrbios de comportamento, a violência e a prática do *bullying* constituem, talvez, o ápice dos problemas enfrentados nas escolas atuais.

## Os dois paradigmas do saber

Apesar de indispensável, a transmissão da psicanálise na universidade não é tarefa fácil. Psicanálise e Educação estão em campos distintos. A psicanálise trabalha com a busca do saber inconsciente, que está no analisando e que se desvela ao longo dos anos do trabalho analítico. O analista ocupa o lugar de suposto saber, isto é, o analisando pensa que o analista sabe sobre si, mas, na verdade, ele (o paciente) é que detém o conhecimento de si – apenas está oculto no inconsciente, devido ao mecanismo da repressão. O saber, em psicanálise, é da ordem da subjetividade.

O professor, ao contrário, precisa ocupar o lugar do mestre, daquele que sabe e que deve transmitir o conhecimento ao aluno. Ao tornar-se professor, o psicanalista precisa fazer um movimento no sentido de colocar-se no lugar do mestre, ao que não está acostumado, desde o ponto de vista de seu trabalho diário na clínica. Na educação, o conhecimento é objetivo, demanda a quem ensina colocar-se no lugar de protagonista no processo de transmissão. É nessa intersecção que Michel Foucault

desenvolve a questão do saber em três áreas diferentes: a arqueologia, a genealogia e a ética, combinando os critérios metodológicos e cronológicos, apoiando-se em Kant. Assim Foucault retoma as três perguntas fundamentais:

“Que posso saber? Que posso fazer? Quem sou eu?”

Para Foucault, o homem é produto das práticas discursivas, sendo, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da busca do conhecimento, ao percorrer essas três etapas. Na primeira etapa, estaria em foco o Ser-Saber. Nessa fase, as suas obras mais significativas são “As palavras e as coisas” e a “Arqueologia do saber”. Nelas Foucault aborda os diferentes modos de investigação nos três séculos que instituíram o sujeito moderno. Este se constitui no discurso das ciências em destaque nos séculos XVIII e XIX, e que são: a linguística, a biologia e a economia.

Desse modo, para Foucault, o sujeito moderno não está na origem dos saberes, ele não é produtor do saber, mas, antes, ele é produto dos saberes e é produzido nesse interior, segundo cada momento histórico. Assim defende o termo Arqueologia em lugar de Epistemologia para o estudo das origens desse sujeito que é produto dos enunciados da ciência. O termo arqueologia fora usado antes por Freud como metáfora do trabalho analítico no qual o analista iria, pouco a pouco, removendo camadas e resistências do paciente até desvelar seu inconsciente e propiciar o contato com o próprio desejo. Foucault retoma esse termo numa outra acepção. Refere-se

à busca das camadas descontínuas dos discursos pronunciados ao longo dos séculos, até chegar a poder entender, por meio da linguagem, o sujeito de cada momento evolutivo da história.

No nível do Ser-Poder, Foucault apoia-se em Nietzsche e chama a esse nível de Genealogia. Nesse domínio, pensa a questão do poder como uma rede na qual o homem é visto como objeto e sujeito das práticas de poder que capturam, dividem e classificam os sujeitos. Todo o saber implica a aquisição de um poder.

Como terceiro ponto de sua ontologia, Foucault aborda a Ética, e nela investiga “Quem sou eu?” nas suas obras “História da Sexualidade”, “O Uso dos prazeres e o Cuidado de Si”, examinando por quais caminhos a sexualidade propicia a subjetivação, enquanto nos consideramos sujeitos de desejo. Considera as proibições sexuais continuamente relacionadas à proibição de dizer a verdade sobre si.

Para Jacques Lacan, em sua conferência de 1957 na Sociedade Francesa de Filosofia, intitulada “A psicanálise e seu ensino”, é fundamental a seguinte pergunta: “O inconsciente, como ensiná-lo?”.

O inconsciente é o discurso do Outro, do qual o sujeito recebe sua própria mensagem, que permanecerá reprimida no inconsciente. Para Lacan, o saber existe, isto é, já está instalado no sujeito e consiste na soma das experiências herdadas mais as vivências, após o nascimento, das trocas intersubjetivas com seus cuidadores. O nascimento, na condição de desamparo, instala a alienação ao desejo do Outro e favorece a fixação em traumas precoces. As experiências favoráveis e traumáticas produzem marcas mnêmicas, conforme

descreveu Freud, que ficam registradas no inconsciente. O sujeito tem o saber em si, mas desconhece esse saber. É portador de “um saber que não se sabe”. Para recuperá-lo, busca um Outro, o analista, que o ajuda a desvendar a sua própria história, logrando efetivar a separação, livrando-se do estado inicial de alienação e constituindo-se sujeito dono de seu próprio desejo. Trabalhamos no campo simbólico e imaginário, predominantemente.

No outro campo do saber, das ciências e da educação, trata-se de outro paradigma. Trabalhamos propriamente na transmissão de conteúdos programáticos. É necessária uma ancoragem no real, há exigência de registros que comprovem a eficiência do trabalho, como provas e documentos para saber se o aluno, de fato, aprendeu o que foi ensinado. No seu seminário “O avesso da psicanálise”, Lacan estabelece quatro tipos de discurso como articulações significantes: o discurso do mestre, o discurso da histórica, o discurso da universidade e o discurso do analista. Cada um deles tem quatro lugares de referência: o agente, o Outro, a produção e a verdade.

Edgar Morin, indicado na França para fazer uma reforma geral no ensino, lança a pergunta se a sociedade deve adaptar-se à universidade ou se esta deve adaptar-se à sociedade. Considerando a importância da universidade, afirma:

“A universidade conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias, valores; regenera essa herança ao reexaminá-la, atualizá-la, transmiti-la; gera saberes, ideias e valores que passam, então, a fazer parte da herança. Assim, ela é conservadora, regeneradora e geradora.

A universidade tem uma missão e uma função transeculares, que vão do passado ao futuro, passando pelo presente” (Morin, 2006, p.8).

Em lugar de disciplinas isoladas, convivemos atualmente com a pluralidade que integra, como no curso de pós-graduação Psicanálise e Educação, do Departamento de Pedagogia da UniRitter em convênio com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, pela interdisciplinaridade e pela transdisciplinaridade, que atendem à demanda do estudo de diferentes áreas. A psicanálise, como presença na universidade, adquire seu real valor como elo entre os saberes, estimulando a reflexão sobre a importância do grupo e dos processos de subjetivação na aprendizagem e na transmissão para as gerações futuras.

*“A universidade conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias, valores; regenera essa herança ao reexaminá-la, atualizá-la, transmiti-la; gera saberes, ideias e valores que passam, então, a fazer parte da herança. Assim, ela é conservadora, regeneradora e geradora. A universidade tem uma missão e uma função transeculares, que vão do passado ao futuro, passando pelo presente.”*  
(Morin, 2006, p.8).

\* Membro em função didática da SBPdePA



# Outreach - América latina

Maria Teresa Silva Lopes\*

A experiência em participar do Comitê de Extensão da Psicanálise para Comunidade – Outreach – América Latina foi muito importante por me fazer perceber os vários trabalhos existentes e eficientes que vêm sendo desenvolvidos na América Latina, que se diferenciam muito dos trabalhos pensados em outros continentes, com total eficácia e sustentação psicanalítica. Saber que há preocupação e um movimento de reconhecimento desses trabalhos ajuda muito as iniciativas societárias de projetos voltados para o social, para as universidades, enfim, para a comunidade de forma mais consistente. Porém, para que essas práticas possam ser legitimadas, são necessárias condições mínimas de reconhecimento dos nossos pares, de modo a viabilizarem uma estabilidade e sustentabilidade que favoreçam os projetos e o seu desenvolvimento, a partir de diálogos e de uma reflexão que as venham fortalecer. Fui parar nesse comitê por pertencer a uma sociedade de psicanálise que acolheu o Projeto Travessia, que há cinco anos vem sendo desenvolvido em comunidades vulneráveis. Embora muitos de nossos pares desconheçam completamente o que estamos fazendo, outros acham que isso não é psicanálise nem merece ser escutado; há outros, no entanto, que não só acreditam como bancam, não diretamente com o trabalho,

mas oferecendo meios para que o projeto possa se sustentar.

O exercício da prática e da difusão da psicanálise fora do consultório é tarefa que me faz pensar com frequência em como os psicanalistas formados pelos institutos das sociedades de psicanálise ligadas à IPA deixaram de ocupar um lugar dentro desse social mais amplo, ficando um espaço vazio de extensão do seu conhecimento e da sua escuta/prática psicanalítica fora do seu habitual consultório, afastando-se da comunidade da qual faz parte e alijando-se dos ruídos provocados pelo social de forma mais implicada. Essa tarefa, a de levar sua escuta a outros lugares, é no mínimo um dever de cidadania, um exercício de ética, de responsabilidade social e de humanidade. A escuta e o trabalho do psicanalista são, assim, muito privilegiados e apurados para esse trabalho estendido. A compreensão de mundo que se conforma em nós não merece ficar aprisionada em consultórios; merece ser levada àqueles que, dentro desse social, sentem-se oprimidos e excluídos. Penso que, enquanto psicanalistas, temos esse compromisso com a sociedade a que pertencemos.

Muitos de nossos pares não reconhecem o trabalho em comunidades como um trabalho psicanalítico. A partir disso é interessante pensar: o que vem a ser um trabalho psicanalítico? A meu

ver, é basicamente aquilo que escuto, dentro de toda complexidade de uma escuta, e essa escuta não se dá somente dentro do consultório. Se pensarmos na atenção flutuante, noção desenvolvida por Freud, notamos que nela existe uma gama de complexidade que vai limitar ou não a escuta analítica. Luis Cláudio Figueiredo fala de duas dimensões da prática psicanalítica: ética e técnica. Dentro dessa complexidade, a ética seria o *mind set* analítico, e a técnica, os procedimentos; e uma terceira questão estaria ligada ao entrelaçamento dessas duas dimensões. Segundo ele, os procedimentos são legítimos, são necessários e suplementares uns em relação aos outros, mas todos exigem que a dimensão ética seja sustentada. Mediante isso, acreditamos que o que fazemos é, sim, psicanálise, porque escutamos de forma psicanalítica. Desprendemo-nos da teoria, de modo a poder trabalhar em sets tão precários ou não; criamos novos procedimentos de ação para que possamos alcançar nosso objetivo. Acredito que todo esse processo perpassa toda a situação analítica vivida por um psicanalista, seja ela



dentro ou fora do seu consultório.

Por meio dos projetos em interface com o social, levamos psicanálise às comunidades, e os universitários (estagiários), para as sociedades de psicanálise, que andam bastante esvaziadas. E uma nova questão se apresenta: será que na urgência social que estamos vivendo, percebendo as transformações que vêm

ocorrendo, não estão sendo perdidas a nós, psicanalistas, novas formas de estar na sociedade? De repensar nossa prática? De questionar nosso existir enquanto psicanalistas perante a sociedade? Será que nossa função só cabe em consultórios, uma vez que fazemos uma formação clínica? São questões que cada um a seu modo irá responder. Sabemos que um campo enorme se abre à nossa frente. O desafio já foi feito, agora precisamos pensar se vale a pena

ou não aceitá-lo. Não adianta todo esse trabalho se não tivermos interlocutores. O mundo está aí, podemos fazê-lo ou não mais interessante.

\* Membro Associado da SBPRJ, coordenadora do Projeto Travessia que funciona em parceria com a ONG Roda Viva e universidades públicas e privadas.

## Um projeto para o extramuros da clínica psicanalítica privada

A atual equipe dirigente da SBPdePA, no intuito de ampliar a contribuição da psicanálise ao âmbito social, lançou um convite aos seus membros, interessados em desenvolver atividades nesse sentido.

O grupo formado a partir desse desafiador convite é prioritariamente de profissionais com experiência em trabalhos sociais, mas também conta com aqueles com interesse e motivação para investir nessa dimensão.

À medida em que foram ocorrendo as reuniões do grupo, com apresentação e discussão das diferentes práticas em atendimento social, fortaleceu-se a intenção de aproximar a Brasileira de projetos sociais e políticas públicas de saúde mental.

Passou-se então à análise de algumas situações de atendimento em um Cen-

tro de Atenção Psicossocial (CAPS), utilizando os conhecimentos psicanalíticos de modo a ampliar a compreensão dos mecanismos inconscientes que possam estar subjacentes às relações e intervenções terapêuticas, gerando obstáculos e impasses a estes processos. Em razão disso, escolheu-se a supervisão clínico-institucional como foco de nossos esforços para a criação de um grupo que busca integrar o conhecimento psicanalítico aos projetos sociais inseridos em políticas públicas de saúde.

Com essa ideia foi apresentado, pela Dra. Sandra Fagundes, em uma mesa redonda, no Congresso Brasileiro de Psicanálise deste ano, um trabalho desenvolvido pelo grupo, contendo o projeto de supervisão clínico-institucional. A apresentação suscitou pródiga discussão a respeito das possibilidades de emprego do conhecimento psicanalítico em um tipo de supervisão que inclui o indivíduo, com toda sua história, singularidade, seus conteúdos inconscientes, sua inserção social, cul-

tural, sua relação com o meio onde vive e com as equipes de atendimento dos CAPS.

A supervisão clínico-institucional junto aos profissionais que atuam nos Centros de Atenção Psicossocial pode ser compreendida como um espaço para contribuições psicanalíticas em uma clínica extramuros. A escuta psicanalítica e a palavra vêm atender a essa complexa dinâmica e, por sua vez, gerar novas complexidades na interação das equipes com aqueles que são por elas atendidos.

Atualmente, o Grupo de Projeto Social da SBPdePA é composto pelos seguintes membros: Alexandre Antunes (coordenador), Celso Gutfreind, Cláudia Kowarick Halperin, Helena Surreaux, Leila Maria Silva Klöchner, Magda Beatriz Martins Costa, Magda Regina Barbieri Walz, Mara Horta Barbosa, Patrícia R. Menelli Goldfeld, Tamara Barcellos Jansen Ferreira e Sandra Fagundes.

*Comissão do Projeto Social*

**Diretoria da SBPdePA para o biênio 2014-2015**

Presidente: Dra. Helena Surreaux  
 Secretário: Dr. Loes Pedro Meller  
 Tesoureira: Dra. Ane Marlise Port Rodrigues  
 Diretora da Comissão Científica: Dra. Sílvia Skowronsky  
 Diretora da Comissão de Comunicação: Dra. Ester Malque Litvin  
 Diretora da Comissão de Relações com a Comunidade: Dra. Patrícia R. Menelli Goldfeld  
 Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP): Dra. Denise Zympek Pereira

**Diretoria do Instituto da SBPdePA para o biênio 2014-2015**

Diretor: Dr. Fernando Kunzler  
 Secretário: Dr. Leonardo Francischelli

**Passagem para Membros em Função Didática**

Dra. Lisia Coelho Leite  
 Dr. Marco Aurélio Albuquerque  
 Dra. Vera Maria Homrich Pereira de Mello

**Passagem para Membro Associado**

Dra. Mara Horta Barbosa

**Membros do Instituto concluindo seminários teóricos**

Dra. Aline Kloeckner  
 Dra. Christiane Paixão  
 Dra. Heloisa Zimmermann  
 Dra. Jeanete Sacchet  
 Dra. Kellen Gurgel  
 Dra. Maria Isabel Pacheco  
 Dra. Magda Martins Costa  
 Dra. Patrícia Mazon  
 Dra. Tamara Barcellos

**Membros do Instituto iniciando seminários teóricos em março/2014**

Dra. Antônia Leonardo  
 Dr. Iran Garayp  
 Dra. Janine Severo  
 Dra. Luciane Boff  
 Dra. Nora Helena Steffen.

**Diretoria do Conselho Profissional da FEBRASPI**

Dra. Ana Paula Terra Machado segue exercendo a função de Diretora do Conselho Profissional da FEBRASPI para o biênio 2014-2015

**Psicanalista da Brasileira recebe Prêmio Açorianos de Literatura**

Caroline Milman recebeu o Prêmio Açorianos de literatura de 2013, na categoria poesia, com o livro "Aqui Jasmim", editora Modelo de Nuvem. Celso Gutfreind também havia sido indicado na categoria poesia com o livro "Em Defesa de Certa Desordem", editora Artes e Ofícios.

*Minha Filha, Mimososa Flor*

Jeanete Sacchet

*Será que sabes  
 Que és uma libélula encantada  
 Pousada na ervilha perfumada  
 Ervilha-de-cheiro  
 Lilás, roxa, rosada  
 Linda libélula!  
 Na flor pousada  
 Como podes ser tão perfumada?  
 Minha filha  
 Minha pequena-grande flor  
 Libélula encantada  
 Encantadora  
 Força motora  
 Lutadora  
 Cheirosa, como uma bebê  
 Flor momosa*

## “Um encontro com Freud”

Eliane Nogueira - Membro Associado da SBPdePA.

Era para ser um entretenimento bom de uma escapada ao Rio de Janeiro, onde se aproveitaria para ver teatro. Soube que havia uma peça em cartaz, que ficcionava um encontro entre o psicanalista Freud e o escritor C.S. Lewis. Sentei num lugar razoável do teatro, queria que fosse melhor, e meu senso de humor debochava de minha excitação, porque eu iria ver Freud, afinal de contas. E, após um breve escuro no teatro, “ele” entra na sala de sua casa, quero dizer, no cenário que representava a sala. Ele, Freud. Não vi o artista, nem sei quem era, não me interessei nunca por isto. Aquele era Freud. Por que raios eu tinha debochado tanto? Estava eu agora ali, estática, muda. E aí entra Lewis. E a conversa começa. Nada mais substituiu a sensação que fiquei com a presença daquele homem velho, meio ranzinza, alquebrado, no ano de sua morte, dilacerado pela dor que lhe infligia a prótese “monstruosa” na mandíbula. Tudo ali me parecia verdadeiro: a tosse, o sangue, a voz, o caminhar. Como eu sabia, se nunca o tinha encontrado? Quando saí do teatro, já reencontrando a realidade, percebi que provavelmente todo psicanalista que assiste a esta peça, deve passar por experiência semelhante: o desejo de ter encontrado Freud um dia na vida.

Somente depois de me conformar com esta probabilidade, é que retomo a peça (“Freud, última sessão”) em minha cabeça e passo a pensá-la como um entretenimento e, mais do que isso, um motivo de bela discussão e debate. Agora, especialmente, para escrever sobre ela e conhecer melhor seus meandros, é que todo o espetáculo tem maior chance de ser revivido, porque se deixasse, ficaria com aquela imagem de “Freud” em minha mente e a magia que isto provocou. Só isto já basta para me identificar tanto com o autor da peça, Mark St. Germain, quanto com o escritor (Armand Nicholi Jr.) do livro “Deus em questão”, que foi o elemento inspirador. Eles também queriam encontrar Freud e colocaram um antagonista, C.S. Lewis, para alimentar igualmente suas fantasias de ver em ação tão prestigiado mestre. Como eu, a turma toda da psicanálise e os intelectuais de plantão, gostariam de ver um duelo deste porte. Alguém colocou no papel e passou para o plano artístico tal empreitada, já que não se sabe se isto aconteceu. Por via das dúvidas, reproduz-se por vias mais lúdicas, porque o tema é espinhoso e profundo e traduz parte do jeito de viver e pensar destes dois homens. Diz Nicholi: “Freud e Lewis representam nossas partes conflitantes”.

Sir Clave Staples Lewis (C.S.Lewis) tem muitas semelhanças com Schlomo Sigismund Freud (Sigmund Freud), a começar pelos nomes abreviados ou em forma de pseudônimos. Parecem não ter aceitado o que lhes era destinado. Eles queriam ser diferentes do que era comum aos seus semelhantes e em boa medida conseguiram. Desde a infância ambos eram ávidos por literatura e suas mentes tidas como prodigiosas e criativas. Também escreveram muitas obras e foram

mundialmente reconhecidos em suas áreas. Estudaram sobre quase tudo, escreveram sobre quase tudo também. Como não iriam um dia se encontrar? Lewis até chegou a ser ateu como Freud, e Freud até chegou a ser um pouco ligado à sua religião, o judaísmo. A partir daí, grandes diferenças os separam.

Lewis (se auto denominou Jack na infância) foi um jovem introvertido, precoce em termos intelectuais e teve uma adolescência de eremita, cercado apenas de livros e do irmão mais velho. A carreira acadêmica foi uma consequência natural de sua vida literária. Ele virou professor em Oxford (de onde só saiu no fim de sua vida, por doença) e logo um escritor de muitas vertentes, além de influente e famoso. Pouco se sabe de sua vida afetiva.

Freud, ao contrário, teve uma infância comum, cercado de irmãos (8 ao todo). Era um jovem curioso, erotizado pela idealização da mãe e assim que conheceu Martha, sua mulher até o fim da vida, apaixonou-se perdidamente. Teve uma vida agitada no meio cultural da época. Era inquieto profissionalmente e trocava de área de trabalho cada vez que seu interesse era aguçado. Foi um escritor compulsivo, como Lewis, mas jamais deixou de fazer outras atividades em sua vida, especialmente estar com a família, que Lewis não possuía.

Freud não se tornou um ateu por ideologias parentais ou para expressar algum confronto. Isto até esteve presente em sua vida. Foi estudando a religiosidade humana no livro “O futuro de uma ilusão” e desvendando as motivações inconscientes que levavam as pessoas a se converterem a um deus ou a um líder, que conseguiu se sentir mais convicto para bancar a teoria de que a necessidade da existência de Deus era um efeito do desamparo humano. Faltando amparo paterno, modelo de um ideal a ser, limites internos, defesas frágeis no trato com o mundo e seus desafios, tudo isso justificava buscar um Deus que garantiria proteção, como o verdadeiro pai nunca garantiu. De nenhum pai ao amparo de um Pai Todo-Poderoso (com maiúsculo), a distância criava um caminho sem volta. Em suma, uma ilusão, que representa os desejos mais profundos da humanidade, que não podendo ser satisfeitos, encontram o ilusório como conforto. Freud acreditava que a ciência produzia a razão necessária para o progresso e a religião tendia a deixar os fiéis estagnados na idealização de um poder alheio. Fez de seus achados psicanalíticos uma profissão de fé na ciência.

Lewis defendia a fé com a razão e divulgava a apologética cristã, onde os valores morais e condução dentro de princípios amorosos e adaptadores, sem uma indução fanática de doutrinação, poderiam ser vivenciados como forma de encerrar o mundo. Escreveu um livro chamado “Cristianismo puro e simples” (uma coletânea de suas palestras feitas no

rádio, em Londres, de 1942 a 1944) como expressão de suas ideias simples a respeito da religião que professava- anglicana- para “defender a fé comum a praticamente todos os cristãos em todos os tempos” e que elas fossem debatidas em todos os níveis. Talvez daí venha a fantasia de encontro com Freud. Eram homens igualmente interessados em fazer pensar o que era a ciência e a religião para o desenvolvimento humano e não para o orgulho pessoal de cientistas e clérigos de vencer batalhas públicas em seus redutos.

Nicholi, um professor psiquiatra da Universidade de Harvard, fala em seu livro não sobre um debate mas sobre a história de Freud e Lewis e suas ideias, num respeito profundo pelo antagonismo de ambos, tanto na vida quanto na obra. Como opor ciência e religião, quando no fundo elas podem se complementar? É um desafio e tanto do autor, que ele desempenha magistralmente. O livro, pela relevância do tema, virou uma peça, adaptada por Mark St. Germain, e foi premiada nos EUA como a “melhor peça Off Broadway Alliance Awards 2011”.

Durante a peça, é impossível não se identificar com Lewis nas provocações e questionamentos que ele faz para Freud, porque gostaríamos muito de saber o que um pensador tão ligado às profundezas da mente pensaria sobre ... Deus, por exemplo. É um embate memorável, porque se percebe titubeios importantes de ambas as partes. Nenhum parece ter tanta certeza assim de suas propaladas convicções. Freud, um ateu declarado e Lewis um apologético cristão. E eles evoluem em assuntos que são difíceis para ambos: a questão da ciência versus religião para Freud; a sexualidade e suas implicações na vida das pessoas para Lewis, que não casou nem teve filhos; o sentido da vida para ambos, enquanto ouviam as sirenes de alarme dos bombardeios alemães (era o ano de 1939). Lewis havia sido combatente na I guerra e Freud acabara de chegar para seu derradeiro exílio em Londres, deixando o Holocausto em sua Áustria. Corações em batimento doloroso, sensação de desconforto por saber que a alma humana estava inquieta com a guerra, que nem a ciência nem a religião entendiam como progresso ou saudável embate. E aqueles dois homens fazem então um inventário estupendo de temas da vida, brigando externa e internamente com o que ouvem um do outro e se incomodam com o que sentem. Ver “Freud” impaciente e desesperançado e “Lewis” atrevido e ao mesmo muito mexido com o que ouvia, valeu a peça. Quando “Lewis” senta desavisadamente no divã e “Freud” lhe pergunta se veio analisar-se, a platéia ri aliviada. Sim, a peça é uma comédia. Mas, poucas vezes, se sai tão mexido de algo que foi feito também para rir.

Quando a peça termina, as luzes se acendem e os artistas agradecem o caloroso aplauso, “Freud” tira os óculos e...bem, agora já sei que Hélio Ribeiro é um grande ator.



## Comissão de Memórias e arquivos



Com o objetivo de resgatar a história da Brasileira, continua em andamento a organização das fotografias dos diversos momentos significativos da Sociedade. O objetivo dessa tarefa é facilitar o manuseio dos álbuns nos quais as fotos poderão ser vistas por todos. Considerando-se, porém, o fato de que muitas não registram as datas em que foram tiradas, não está sendo possível colocá-las em ordem cronológica. Adiante, os fundadores ou colegas poderão colaborar com a identificação das pessoas e/ou dos eventos dessas fotos, sendo então acrescentadas as novas informações.

Todos os fundadores foram contatados, no início deste trabalho, sendo feita a solicitação de todo material que pudesse estar em suas posses. Parte desse material está agora a salvo graças às pessoas que o mantiveram ao longo desses anos. Em breve, todos terão acesso aos álbuns a serem acessados em local ainda a ser definido.

Por último, se alguém tiver disponibilidade para auxiliar nessa tarefa, poderá entrar em contato às 6<sup>a</sup> feiras das 16 às 18h.

**Jeanete Suzana Negretto Sacchet**  
Diretora da Comissão de Memórias e Arquivos

**I Encontro Latino-Americano de Escrita e Psicanálise**  
Realização Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre  
Organização Geral:  
Helena Surrao, Astrid Ribeiro e Ester Litvin  
**18 e 19 de outubro**

Presenças já confirmadas da América-Latina:  
Mariano Horenstein (Córdoba)  
Luiz Fernando Orduz González (Bogotá)  
Magdalena Figueira (Montevideo)  
Margareta Hanglary Wiesner (Caracas)  
Osvaldo Canosa (Buenos Aires)

Elxos temáticos:  
\*A Experiência de Escrever em Psicanálise nas Diferentes Culturas Latino-Americanas\*  
\*A Potencialidade Temática da Experiência Literária\*  
\*O Texto Entre Seus Opórtos: Prazer e Dor, Vida e Morte, Liberdade e Prisão, Desejo e Medo\*  
\*Por Que Escrever? Os Rastros da Clínica e a Necessidade de Escrever O Relato Clínico na Escrita e Suas Respostas Éticas na Cultura Informatizada\*

Local: Praça Dr. Maurício Cardoso, nº 7 - Porto Alegre / RS  
Informações e inscrições: Fone: (51) 3333.8857 / 3338.3848 e-mail: secretaria@sbpa.org.br



Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre  
**Vº Encontro Latino Americano da Comissão de Vínculos, Família e Casal da FEPAL**  
(Federação Psicanalítica da América Latina)  
07 e 08 de junho de 2013

**Psicanaálise dos Vínculos: Novos Dispositivos Clínicos**  
Temas Livres  
07 de junho de 2013  
Local: Av. Luiz Manoel Gonzaga, 744 - Unisinos Porto Alegre - Sala Santander

**09:00 - Coord.: Glilda F. Soares e Jussara Kórbes**  
\*A observação de bebês: tecendo vínculos pelo olhar, pela escuta e pela escritura\*  
Ivanoska I. Martini, Edita P. Salvagni, Mara N. B. Brun, Renata L. Machado e Carmem Lucia C. Silva

**13:00 - Coord.: Ângela Piva**  
\*A psicanálise dos vínculos na instituição\*  
Marta Cecilia F. Silva

**10:00 - Coord.: Denise Z. Persira**  
\*Contribuições teórico técnica da psicanálise vincular na avaliação de crianças e adolescentes\*  
Ângela Piva, Daniela B. D'Incao, Karina Reichtanvald, Maria da Graça B. Fortes e Rafael Reis

**14:00 - Coord.: Denise Haerberle**  
\*Ciúmes\*  
Lisette Weissmann

**11:00 - Coord.: Vera H. P. de Mello**  
\*Desacomodação e vínculo ou vínculo e desacomodação?\*  
Ana Rosa C. Trachtenberg, Agda M. Chaves, Ana Lucia F. Rodrigues, Carmem P. Nogueira, Cristiane de P. Vieira, Cláudio Leitão, Denise H. Ávila, Karem M. Salisler, Luciano de S. Souza, Luciano Valdivia, Mônica de A. Cabrera, Paula M. Bacalchuk, Renata Oliveira e Vera Viunisk

**15:00 - Coord.: Rosa Avritchir**  
\*A psicanálise vincular: novos arranjos, novos olhares\*  
Susana Muszkat

**12:00 - Coord.: Bruno Salesio Francisco**  
\*Abordagem psicanalítica contemporânea dos vínculos tóxicos e traumáticos\*  
Glilda Katz e Gley P. Costa

**16:00 - Coord.: Ana Rosa Trachtenberg e Cynara C. Kopittke**  
\*Los vínculos familiares, las tiranías de la visibilidad y la (in) capacidad para estar a solas\*  
Victor Guerra

**13:00 - Coord.: Denise Haerberle**  
\*El vínculo fraterno como constitutivo del pensar\*  
Marta Antonieta P. del Pino

**14:00 - Coord.: Denise Haerberle**  
\*Do quantitativo pulsional ao qualitativo: a busca de Marta pelo objeto consistente\*  
Ane Marilise P. Rodrigues

**17:00 - Coord.: Vera H. P. de Mello**  
\*Casais e famílias do mundo virtual e a clínica psicanalítica\*  
Ruth B. Lavinsky

**12:00 - Coord.: Bruno Salesio Francisco**  
\*Alguém matou alguma coisa, e quem sobreviveu?\*  
Astrid M. Ribeiro

**18:00 - Coord.: Vera H. P. de Mello**  
\*Trauma em Santa Maria\*  
Laura W. da Rosa

Informações:  
Fone: (51) 3333.8857 / (51) 3330.3848

**Ilusão e Desilusão do Homem**  
A confusão entre ser e ter

**23 abril - terça-feira às 20 horas**  
A ilusão e a desilusão amorosa  
Participantes:  
Lyla Lira - Escritora  
Mônica Guazzelli - Advogada da Família  
Gley P. Coelho - Artista - Psicanalista SBPA  
Coordenação:  
Astrid Müller Ribeiro

**25 setembro - quarta-feira às 20 horas**  
A ilusão do ter e a desilusão do ser  
Participantes:  
Mônica Tirira - Diretora do Colégio Brasileira  
Clintia Miosovich - Escritora e Jornalista  
Silvia Erich - Psicanalista SBPA  
Coordenação:  
Kátys de Azevedo Araújo

**29 maio - quarta-feira às 20 horas**  
A confusão entre sonho e realidade: a cultura do simulacro  
Participantes:  
Julio Bernhardt - Filósofo  
Pelayo Coppello - Artista e Teórico de Teatro  
Celso Halperin - Psicanalista SBPA  
Coordenação:  
Kellen Gurgel

**27 novembro - quarta-feira às 20 horas**  
A ilusão da imortalidade  
Participantes:  
Mauro Dóos - Cirurgião Plástico  
Julio Corle - Diretor de Teatro e Psicanalista  
João Antônio D'Amargo - Psicanalista SBPA  
Coordenação:  
Christiane Vecchi da Paixão

**21 julho - quarta-feira às 20 horas**  
A instabilidade básica do poder  
Participantes:  
André Machado - Jornalista  
Donald Schüller - Professor e Escritor  
Glilda Katz - Psicanalista SBPA  
Coordenação:  
Cláudia Kowarick Halperin

**25 junho - quarta-feira às 20 horas**  
A busca da eterna felicidade  
Participantes:  
Flávio Pechansky - Psiquiatra  
Julio Satt - Publicitário  
Beatriz Rietz - Psicanalista SBPA  
Coordenação:  
Rodrigo Bosticher

**A BRASILEIRA NA CULTURA 2013**  
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre  
evento cultura

Atividade Aberta ao Público  
Local: Auditório da Livraria Cultura Shopping Ipanema, Centro  
Av. Tilly de Rome, 80  
Fone: 33.333.8857  
Endereço: Rua 3333, 8857  
e-mail: secretaria@sbpa.org.br  
Facebook: www.facebook.com/sbpa